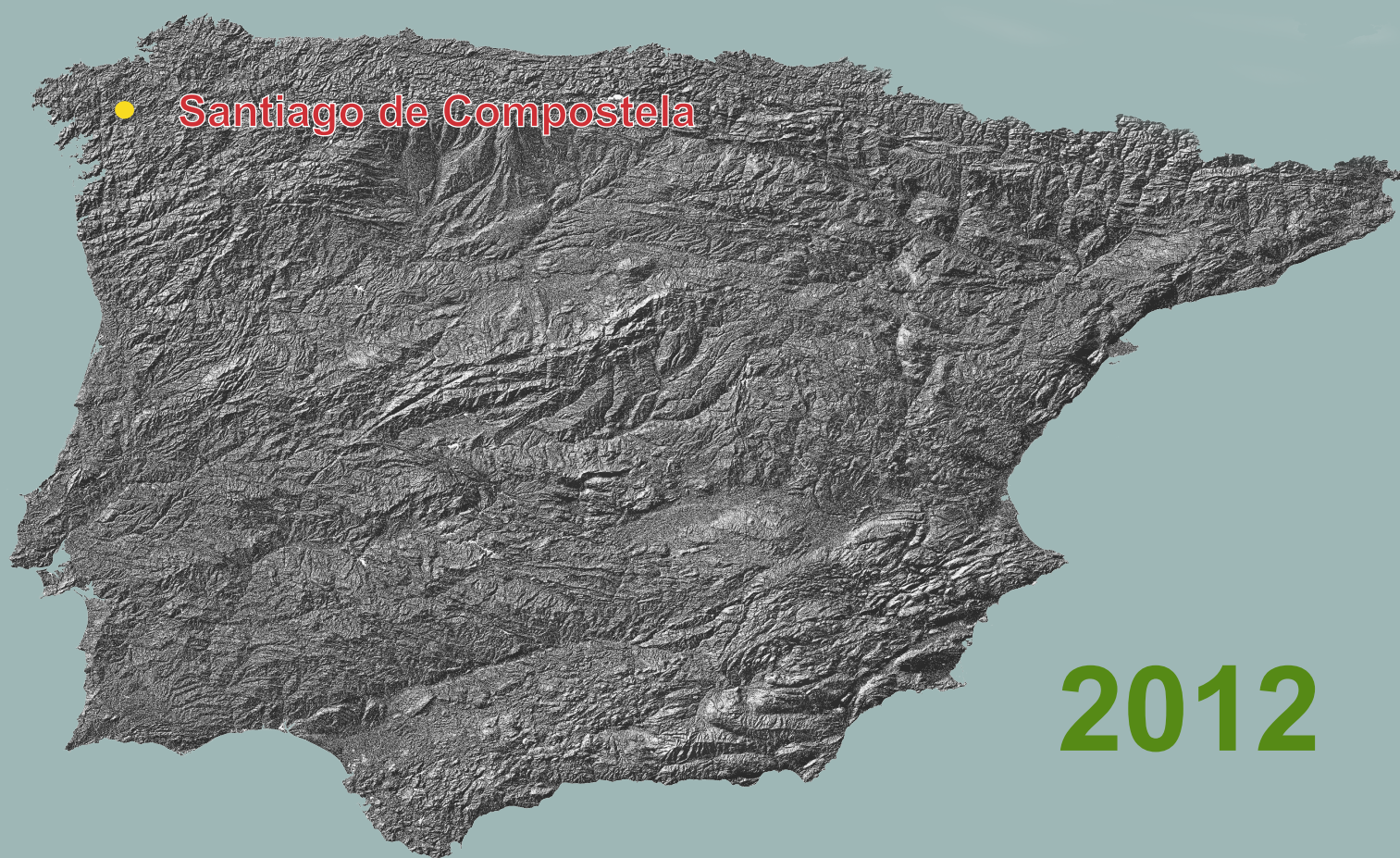




# XIII Coloquio Ibérico de Geografía

## Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual



### Coordinadores

---

Dominic Royé  
José Antonio Aldrey Vázquez  
Marcos Valcárcel Díaz  
Miguel Pazos Otón  
María José Piñeira Mantiñán





# **XIII Coloquio Ibérico de Geografía**

---

Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual

***SANTIAGO DE COMPOSTELA***

24 – 27 de octubre 2012

## **COORDINADORES**

Dominic Royé  
José Antonio Aldrey Vázquez  
Miguel Pazos Otón  
María José Piñeira Mantiñán  
Marcos Valcárcel Díaz

Portada: © Dominic Royé  
Logotipo: © Marcos Valcárcel Díaz  
Mapa: © Jesús Horacio  
Producción: Unidixital  
© Meubook  
ISBN: 978-84-940469-7-1  
D.L.: C 2129-2012

# INICIATIVAS DE PROMOÇÃO DO MUNDO RURAL – FEIRAS DE PRODUTOS LOCAIS EM CINFÃES DO DOURO

**SILVA, ÂNGELA**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)  
Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT)  
angela\_madureira@hotmail.com

## **Resumo**

Este artigo pretende debater e refletir o impacto das iniciativas de promoção do mundo rural desenvolvidas nos últimos anos, em especial as pequenas feiras e eventos associados ao ícone “produtos locais”, analisando à luz do exemplo de Souselo e de Cinfães a influência que têm no desenvolvimento das regiões e até que ponto caminhamos para uma standardização das estratégias de desenvolvimento do mundo rural e para um desfasamento em relação aos seus valores diferenciadores.

**Palavras-chave:** produtos endógenos, feiras de produtos locais, rural, desenvolvimento.

## **Abstract**

RURAL WORLD PROMOTION INITIATIVES - LOCAL PRODUCTS FAIRS IN CINFÃES DO DOURO.

This article aims to discuss and reflect the impact of the initiatives of rural promotion developed in recent years, in particular the small fairs and events associated with the icon "local products". Thus, through the examples of Souselo and Cinfães we will analyse the influence they have on the development of the regions and to which extent they contribute to a standardization of the development strategies of the rural world and for a time lag in relation to their differentiating values.

**Keywords:** endogenous products, exhibitions of local products, rural, development.

## **1. OS ESPAÇOS RURAIS EM PORTUGAL: UM MUNDO EM MUDANÇA**

A essência do mundo rural português evoca a população isolada em pequenos aglomerados; a existência de ambientes naturais ricos; uma grande importância da agricultura no contexto da população ativa; fontes de rendimento precárias; um modo de vida marcado pelas relações familiares, pelo interconhecimento e pela vivência comunitária; uma forte valorização da memória e da tradição; e um sentimento de pertença e ligação ao território (CAVACO, 2009). No entanto, nos últimos anos, o mundo rural português conheceu importantes transformações que vieram alterar a sua base socioeconómica e o seu posicionamento na estrutura territorial portuguesa.

Com efeito, a urbanização tardia e pouco ou nada controlada do território português promoveu fortes assimetrias territoriais, com reforço da concentração de pessoas, bens e serviços nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, um

desenvolvimento diferenciado e incipiente das cidades médias do litoral e um progressivo esvaziamento e esquecimento dos territórios interiores (apesar de muitos estarem a apenas 40/50km da costa) localizados fora dos eixos Braga-Porto-Aveiro e Leiria-Lisboa-Setúbal. Assim, o modo de vida rural, que durante muito tempo se caracterizou pela sustentabilidade e autossuficiência deu lugar a um cenário diferente, marcado pelo declínio da agricultura e da entreajuda, ao qual está associado o crescimento do desemprego, pobreza, envelhecimento, despovoamento, isolamento e à degradação das infraestruturas, serviços de apoio, equipamentos e da qualidade de vida em geral.

No geral, estes territórios são designados de territórios de baixa densidade, em função da reduzida densidade de pessoas, empresas e investimento que apresentam; dos indicadores de atraso em áreas como a formação, qualificação profissional e desemprego que os caracterizam; dos défices de infra-estruturação e oferta de serviços que persistem em muitos deles; ou ainda por apresentarem um tecido empresarial com fraca capacidade empreendedora e de inovação, “agarrado” a um panorama de diversidade e dinamismo institucionais incipientes (COVAS, 2007; MARQUES e SILVA, 2009; SILVA 2010).

Figura 1 Ciclo vicioso dos territórios de baixa densidade



Fonte: Elaboração pela autora a partir de bibliografia variada

No entanto, apesar deste ciclo crónico e vicioso de problemas (figura 1), as últimas décadas são também caracterizadas por uma homogeneização e estandardização dos estilos de vida (sobretudo entre os jovens e adultos até aos 50 anos), que em função do desenvolvimento das telecomunicações e de uma forte ligação à base empregadora dos espaços urbanos (e também do estrangeiro) se aproximam dos estilos de vida urbanos.

Esta tendência, que se iniciou na segunda metade do século XX levou à diversificação dos espaços rurais e à formulação de diferentes abordagens e tipologias (BAPTISTA, 2006; CAVACO, 2009; FIGUEIREDO, 2003; FIGUEIREDO e FERRÃO, 2008) que traduzem não só a evolução da organização e funcionamento destes espaços, como o seu relacionamento com o urbano e as visões/estratégias que têm vindo a ser desenvolvidas. No geral, este percurso traduz a passagem de um entendimento do rural como espaço marginalizado para uma conceção de espaço integrado e, atualmente, de espaço a valorizar, numa ideia que surge associada à (re)descoberta dos valores e memórias sociais, culturais e ambientais do espaço rural (AZEVEDO, 2010).

Este movimento recente surge associado à crescente procura do rural pelos habitantes urbanos, elegendo-o como “reserva moral e cultural” (FIGUEIREDO, 2008) e associando-lhe o valor da memória e da preservação. Esta vaga transformadora é responsável por tendências recentes de instalação de residências (em grande parte dos casos de ocupação secundária e esporádica) no espaço rural, promovendo dinâmicas de atração e, alguns territórios e levando a que o discurso científico e político fale cada vez

mais em fenómenos de ruralização do urbano (CAVACO, 2009) ou construção do urbano (COVAS, 2008).

Com efeito, importa reter que ao longo das últimas décadas os espaços rurais têm vindo a manifestar importantes processos de transformação, evidenciando atualmente múltiplas realidades e dinâmicas territoriais (AZEVEDO, 2010) que não cabem em experiências ou formulações generalizadoras. Neste contexto, o “país sonolento”<sup>1</sup> identificado por Ferrão (2003) tem sido abalado por um conjunto de iniciativas de desenvolvimento que vieram acelerar e dinamizar um conjunto de processos de mudança, observando-se hoje uma grande diversidade e heterogeneidade de espaços rurais em Portugal, associados também a uma multiplicidade de classificações (rural vs não rural; rural agrícola vs rural de indústria e serviços vs rural de baixa densidade; ...).

## 2. DINÂMICAS E PROCESSOS DE MUDANÇA RECENTE

No seguimento das transformações dos últimos anos, o mundo rural multiplicou e diversificou a natureza das suas funções, deixando de estar principalmente associado à agricultura ou à função produtiva de abastecimento das áreas urbanas<sup>2</sup>, com temas como o turismo, a natureza e a tradição (cultural, gastronómica, etc.) a emergirem como apostas centrais da maioria dos municípios<sup>3</sup>.

As dinâmicas e processos de mudança das últimas décadas, e em especial do início do século XXI, estão associadas a um conjunto de fenómenos e tendências (figura 2) que têm vindo a afetar de forma muito particular os territórios rurais (AZEVEDO, 2010) e sobre os quais importa retirar algumas notas de análise.

A primeira tendência dos processos de mudança que afetam o mundo rural prende-se com a diversificação das atividades económicas, processo que surge em resposta à diminuição da importância e do valor da atividade agrícola e que, ainda que com ritmos diferenciados têm vindo a afetar todo o país (MARQUES, 2004). Neste contexto, a

*Figura 2 – Processos e tendências de mudança no mundo rural*



Fonte: Elaboração própria

<sup>1</sup> Com base nos dados dos Censos de 2001, João Ferrão classificou 45% das freguesias portuguesas como “país sonolento”. No geral, estes espaços coincidem com o interior rural e os territórios de baixa densidade que se encontram num círculo vicioso de desenvolvimento (a este recomenda-se leitura do artigo: MARQUES, H., SILVA, A. (2011) Desenvolvimento rural: novos desafios e novas oportunidades. In SANTOS, N. e CUNHA, L. – Trunfos de uma Geografia Activa. IUC, Coimbra, pp. 371-378)

<sup>2</sup> Apesar do retorno à agricultura ser uma solução muito falada e em crescimento no período de crise económica atual.

<sup>3</sup> Que para aí canalizaram grande parte do investimento disponível, designadamente no âmbito do Prover e das Estratégias de Eficiência Colectiva.

população rural afastou-se progressivamente do espaço e da atividade agro-florestal, observando-se a expansão de alguns serviços e da construção<sup>4</sup> (Arnalte e ZAMORA, 2009) o que faz com que o rural apresente hoje uma grande diversidade de funções que vão desde a proteção agrícola e florestal a atividades ligadas ao ambiente e à conservação da natureza, ao aproveitamento e valorização de recursos naturais, ao desporto e contacto com a natureza e à valorização do potencial endógeno do território, designadamente através da promoção e exploração da cultura, identidade, património e dos saberes locais. Esta multiplicidade de atividades e funções reforça a ideia de um mundo rural que é cada vez mais um espaço de consumo, em que a atividade agrícola já não tem o poder para conduzir o desenvolvimento dos territórios.

Um segundo ponto de análise está relacionado com a persistência de uma tendência de perda populacional, com perda de população para os principais centros urbanos e para os principais mercados empregadores de outros países. O abandono da população ativa originou fortes processos de envelhecimento e declínio da população que as diferentes estratégias adotadas se têm revelado incapazes de contrariar.

No entanto, nos últimos anos observam-se alguns movimentos contrários, com a progressiva melhoria da qualidade de vida<sup>5</sup> nestes espaços (ainda que muito dependente do mercado empregador externo) deu lugar a um conjunto de novas procuras (associadas ao turismo e ao lazer, mas também ao regresso de emigrantes<sup>6</sup> e à procura de residências secundárias) multiplicando o tipo de habitantes rurais (BAPTISTA, 2009; COVAS, 2008) e as formas de habitar o rural (CAVACO, 2005), o que promoveu a conservação dos recursos e valores locais como estratégia de minimização do declínio populacional.

Um terceiro ponto de análise prende-se com a crescente valorização e aproveitamento dos recursos locais como estratégia de desenvolvimento territorial. As amenidades e valores endógenos (territórios, monumentos e tradições culturais) têm vindo a ser amplamente reconhecidas como um recurso estratégico para o desenvolvimento (OCDE, 2002), assistindo-se nos últimos anos a uma crescente valorização do potencial endógeno do território associado a abordagens locais<sup>7</sup> que promovam uma utilização ponderada dos recursos, envolvam um número alargado de atores e instituições locais e preservem e valorizem as diferentes formas de património.

Neste contexto, os espaços rurais assumem-se cada vez mais como parte integrante (e não marginal) de um processo integrado de desenvolvimento, em que o número de vantagens comparativas que oferecem se tornam aliciantes e podem levar a que “que os lugares mais periféricos e recônditos” comecem a ser “vividos, utilizados, usufruídos e, portanto, percecionados e interpretados de maneira diferente” (Jacinto, 2009: 168), já que o rural nos permite a descoberta e o reencontro com a identidade e a reconciliação através de um “vasto património material e imaterial legado por sucessivas civilizações e modos de vida” (MARQUES, 2008:1)

Um quarto nível de análise prende-se com a progressiva valorização do capital social e da densidade institucional (AMIN e THRIFT, 1994) local, elegendo-se os

---

<sup>4</sup> Ainda que a crise económica que se instalou em Portugal a partir de 2008 tenha travado o crescimento de muitos setores, entre eles o da construção.

<sup>5</sup> Proporcionada por investimentos importantes ao nível da rede viária e das infraestruturas de saneamento e água, apesar da desativação de alguns serviços e equipamentos.

<sup>6</sup> Afetados pela crise económica internacional

<sup>7</sup> Referindo-se como exemplo várias os programas promovidos no âmbito da Agenda XXI Local ou das Estratégias de Eficiência Coletiva (EECs) do PROVERE.



atores e as instituições locais como elementos centrais dos projetos de desenvolvimento local. Com efeito, grande parte das estratégias desenvolvidas promove o desenvolvimento de processos participados e a criação de redes institucionais no território, procurando desta forma reforçar a confiança, envolver as forças locais e desta forma melhorar a eficácia e a coerência de formulação e implementação de políticas, caminhando para lógicas de governança territorial. Neste contexto o sistema de valores e preferências dos indivíduos, por norma muito diversificado, tende a ser cada vez mais considerado nas estratégias de desenvolvimento através do envolvimento dos atores locais e da potencialização do capital social e das amenidades rurais como motores da economia, do mercado de trabalho e de promoção da competitividade, coesão e sustentabilidade dos territórios, onde se assume que cada indivíduo desempenha um papel fundamental.

Por fim, uma quinta tendência está associada à reestruturação do tipo e conteúdo de relações que são estabelecidas com os centros urbanos com os quais se estabelecem ligações funcionais ou territoriais. As transformações recentes apontam para um reforço das relações de interdependência e complementaridade territorial e para a multiplicação do número de redes e contactos entre as populações de diferentes espaços, para o que concorre o esforço de valorização de um conjunto de sedes de concelhos rurais nos últimos anos.

### **3. FEIRAS DE PRODUTOS RURAIS: REFLEXÕES A PROPÓSITO DAS FEIRAS DE ARTESANATO DE SOUSELO E CINFÃES**

#### **3.1. A importância das Feiras de “Produtos Locais”**

A importância crescente dos territórios rurais, bem como a insuficiência dos mecanismos tradicionais em responder a um conjunto de problemas estruturais motivou o desenvolvimento de novos mecanismos de apoio, assentes na valorização de abordagens integradas e de estratégias coletivas e empenhados no aproveitamento do potencial endógeno, com destaque para o património natural e histórico-cultural, a paisagem, as tradições, e o conhecimento tácito e erudito das suas populações (MARQUES e SILVA, 2009).

Neste contexto, assistimos nos últimos anos a um crescimento importante das iniciativas de promoção e valorização do mundo rural, designadamente a realização de feiras e eventos associadas ao ícone de “produtos locais”. A partir destes eventos, os municípios com os seus atores têm vindo a divulgar um conjunto de valores locais com o objetivo de promover a redescoberta dos seus recursos diferenciadores e a criar valor acrescentado para os territórios, as gentes e as produções locais. Em suma, as dinâmicas, iniciativas e estratégias desenvolvidas assumem como fundamental a necessidade de recriar o rural explorando a riqueza da sua história e a sua diversidade, potencializando o valor do seu património, da sua gastronomia, das suas tradições ou simplesmente das suas gentes, assumindo que a visão nostálgica do campo se constitui como força estratégica de desenvolvimento (AZEVEDO, 2010; MARQUES, 2008).

No contexto do Tâmega, região problemática e com variados indicadores de atraso<sup>8</sup>, são muitas as feiras e eventos realizados, com diferentes características, durações e públicos-alvo. No geral, trata-se de acontecimentos que combinam uma

---

<sup>8</sup> A este propósito recomenda-se leitura de outros artigos da autora.

vertente lúdica aos aspetos económicos procurando transportar para a modernidade um conjunto de valores e tradições e, a partir deles, promover o desenvolvimento regional através do aumento da visitação.

Estes eventos procuram constituir-se como representações da cultura popular e como forma de divulgação do artesanato, da gastronomia e de todo o conjunto de produtos típicos da região, valorizando a diversidade que caracteriza o “rural dos sabores”, afirmando os valores patrimoniais e os conhecimentos ancestrais do “rural dos saberes” e potenciando a experimentação diversificada do “rural das sensibilidades” (MARQUES, 2008).

### 3.2. As Feiras de “Produtos Locais” de Souselo e Cinfães

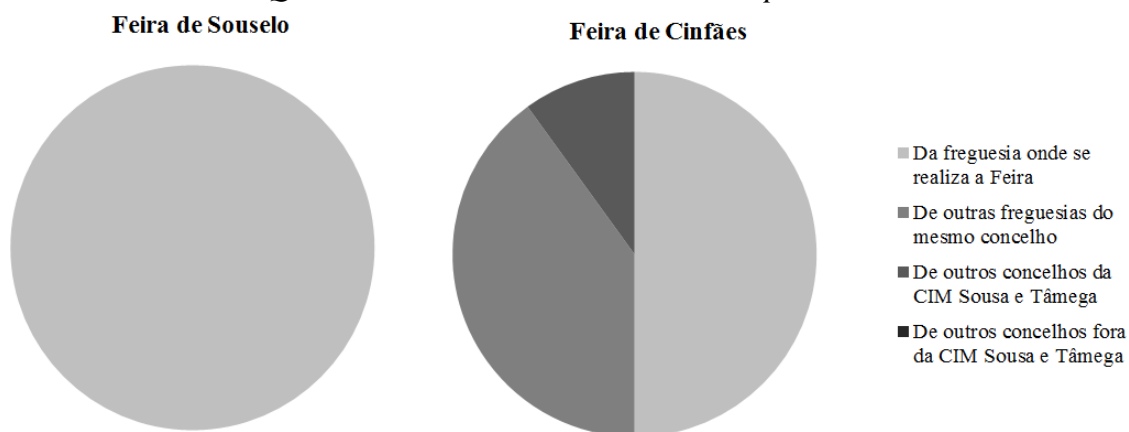
As feiras de “produtos locais” analisadas foram duas: a “Feira de Produtos Locais e Tradições” e a “Feira de Artesanato, Gastronomia e Vinho Verde”.

A primeira é promovida anualmente pela Junta de Freguesia de Souselo (com o apoio da Câmara Municipal de Cinfães e da Associação Comercial de Castelo de Paiva), reunindo num pequeno espaço uma mostra de vinhos, petiscos, doçaria, bordados, artesanato, música e outros produtos tradicionais do concelho, apostando também numa forte animação de rua.

A segunda, de maior dimensão, é promovida todos os anos<sup>9</sup> pela Câmara Municipal de Cinfães, contando com três espaços distintos – um orientado para a gastronomia, outro para o artesanato e outros para a produção vinícola –, uma forte animação musical e um grande investimento de promoção e divulgação regional.

A análise efetuada, baseada no levantamento dos stands de venda presentes na feira e na realização de um inquérito aos responsáveis pelos mesmos permite-nos traçar um perfil dos expositores, considerando o local de onde são originários (onde desempenham regularmente a sua atividade), os motivos que os levaram a estar presentes na feira e o tipo de produtos apresentados e/ou comercializados.

*Quadro 1 – Local de residência dos expositores*



**Fonte:** Elaboração própria a partir dos inquéritos realizados.

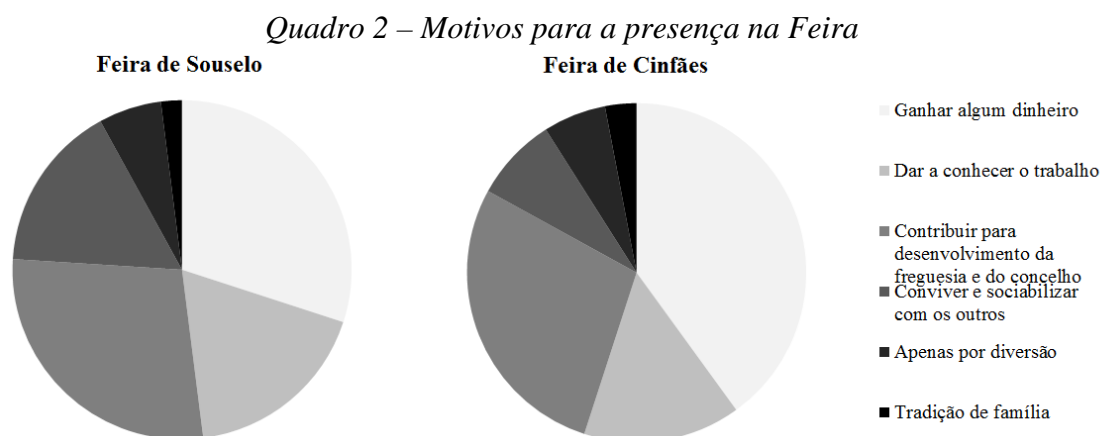
Começando pela origem dos expositores (quadro 1), verifica-se que as feiras privilegiam o apoio aos produtores locais. No caso da “Feira de Produtos Locais e

<sup>9</sup> Realizou-se em 2012 a 16ª edição da feira.

Tradições” de Souselo todos os expositores eram residentes na própria freguesia e era a partir daí que organizavam a sua atividade económica, sendo que na “Feira de Artesanato, Gastronomia e Vinho Verde” de Cinfães, ainda que com ligeiras diferenças, se regista tendência idêntica.

Com efeito, metade dos expositores residia na freguesia de Cinfães e 40% era originário de outras freguesias do concelho, sendo que apenas 10% se deslocou de concelhos vizinhos, todos eles inseridos na Comunidade Intermunicipal Sousa e Tâmega. Conclui-se desta forma que há uma clara tendências das entidades organizadores para capacitar e apoiar os produtores locais e dessa forma garantir que as mais-valias geradas possam ter repercussão no quotidiano dos residentes habituais e transpor-se para dinâmicas de desenvolvimento territorial.

No que diz respeito aos motivos que levaram os expositores a ter o seu stand de vendas/exposição presente na feira observa-se uma grande concentração das razões apontadas, com apenas seis condições enunciadas (quadro 2), donde as questões económicas e a ligação ao território e ao seu desenvolvimento se assumem como as mais importantes.



**Fonte:** Elaboração própria a partir dos inquéritos realizados.

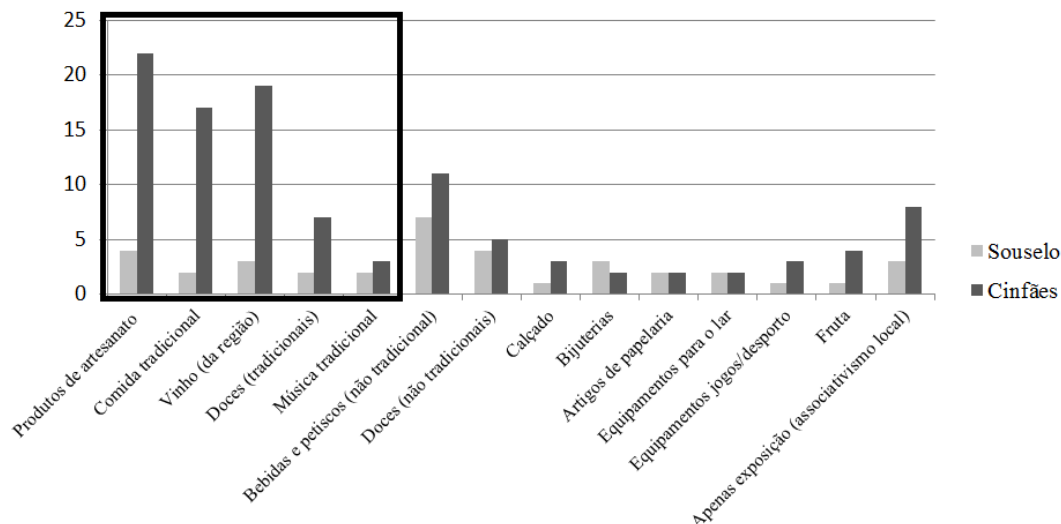
No caso da Feira de Souselo, 30% dos inquiridos afirma que o principal motivo para estar presente no evento se prende com a possibilidade de ganhar algum dinheiro, ao passo que 28% refere que a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento da freguesia e do concelho é a principal razão que justifica a sua presença. Em Cinfães o cenário é semelhante, embora cresça a percentagem de expositores que elege as questões financeiras como as mais importantes (40%), mantendo-se em 28% a percentagem que se mostra empenhado em trabalhar para o desenvolvimento do território.

Destas respostas é possível concluir que estas feiras são encaradas como um instrumento capaz de potenciar o desenvolvimento dos territórios, criando nos produtores locais grandes expectativas quanto à obtenção de rendimentos e contribuindo para o reforço do espírito de comunidade, onde os atores locais se sentem envolvidos e co-responsabilizados pelos processos de desenvolvimento.

Por fim, em relação à tipologia de produtos presentes nas feiras, observamos algum desfasamento entre a formulação teórica/apresentação das feiras e os produtos apresentados por muito dos stands de venda (quadro 3). Com efeito, verifica-se que são apresentados em simultâneo produtos tradicionais da região – artesanato, vinho,

gastronomia e folclore entre outros – com produtos que têm pouco de locais, onde se incluem stands com *fast food*, doçaria, bijuterias ou calçado, que podemos encontrar em qualquer loja generalista, em qualquer parte do país.

*Quadro 3 – Tipo de produtos presentes na feira*



**Fonte:** Elaboração própria a partir dos inquéritos realizados.

Quando analisamos o peso de cada um destes tipos de produtos, verificamos que em Souselo os stands que apresentavam produtos verdadeiramente locais e tradicionais, capazes de potenciar os valores e as características diferenciadoras da região, representavam apenas 31,13% do total de pontos de exposição, sendo que em Cinfães a tendência é menos preocupante, já que há um predomínio da autenticidade dos stands de venda, uma vez 68% expunham produtos típicos da região.

Resulta daqui a constatação de uma tendência para a adulteração do tipo de produtos apresentados, procurando aumentar a comercialização de produtos de fácil acesso e muita procura, mas que podem por em causa a sustentabilidade das iniciativas e a vitalidade das estratégias de desenvolvimento do mundo rural.

#### 4. CONCLUSÕES

Como vimos, o mundo rural ou de “baixa densidade” tem vindo a ser afetado por um conjunto de dinâmicas e processos de mudança, internos e externos, que vieram reconfigurar os seus modelos de funcionamento e organização interna, bem como o seu relacionamento com os outros territórios.

Neste contexto, também as ações e estratégias de desenvolvimento empreendidas conheceram um importante impulso, designadamente através da consolidação de um período de redescoberta do rural e dos seus valores diferenciadores. Assim, entre as alterações que têm vindo a acontecer merecem destaque as feiras e eventos associados ao ícone “produtos locais”, as quais traduzem uma aposta expressa na criação de um sentimento de comunidade e no seu direcionamento para a aplicação de estratégias de desenvolvimento integrado e participado.

Da análise efetuada resultam algumas notas importantes, designadamente:

- A realização de feiras e eventos de produtos locais contribui para o reforço do sentimento de pertença e ligação ao território, fazendo com que grande parte dos participantes se sintam envolvidos e coresponsabilizados pelo desenvolvimento do território;
- A formulação e organização dos eventos elege a memória, os costumes e as tradições como caminho estratégico para o despertar e para a afirmação dos territórios e das identidades locais;
- Do ponto de vista dos poderes públicos locais estes eventos são encarados como âncoras do desenvolvimento local e como importantes elementos de promoção e marketing da região, nomeadamente da sua identidade, gentes, lugares e produtos;
- É evidente a intenção de qualificar e valorizar os recursos locais (produtos, tradições e recursos humanos), sendo que grande parte dos expositores assume que uma das principais motivações para a participação nos eventos é a possibilidade de obter algum lucro (imediato através das vendas na feira e posterior através da fidelização dos clientes à marca);
- O conceito de “produto local” nem sempre é bem compreendido pelos expositores e organizadores dos eventos. Com efeito, fatores de índole variada, mas sobretudo aspetos de natureza económica, conduziram a uma excessiva diversificação da oferta com consequente adulteração do selo “produtos locais”, já que mais de metade dos *stands* de venda oferecem produtos massificados e que se encontram em todas as regiões do país, designadamente calçado, acessórios de moda, equipamentos para o lar e produtos alimentares generalistas e não tradicionais.

Em suma, verificamos que as feiras e eventos de produtos locais se têm vindo a afirmar como uma das principais estratégias para a promoção e qualificação do mundo rural através da sua identidade, cultura, memória e tradição. Neste sentido, é evidente um reforço dos laços da população ao seu território e o seu progressivo envolvimento nas estratégias de desenvolvimento de base territorial, assentes em lógicas participativas e de coresponsabilização dos atores locais.

Este processo de reforço das comunidades locais e de qualificação da “inteligência coletiva” (AZEVEDO, 2010:28) é visível na multiplicação das redes, formais e informais, existentes no território e na progressiva criação de modelos de governança territorial que parecem caminhar para um período de forte dinâmica dos territórios rurais e das suas identidades locais. No entanto, é preciso vencer a tentação do lucro fácil e da estandardização das estratégias de desenvolvimento do mundo rural, visível por exemplo nas feiras analisadas e na multiplicação de *stands* de venda de produtos que não são locais nem tradicionais. A aposta deve ser mais cuidada e seletiva porque só através da promoção dos valores diferenciadores de cada território as estratégias poderão ser sustentáveis e capitalizar as variadas oportunidades de relançamento económico e social que as novas procuras têm vindo a promover, designadamente através das feiras de produtos locais.

## BIBLIOGRAFIA

- AMIN, A. & N. THRIFT (1994): *Globalization, Institutions and Regional Development in Europe*. Oxford University Press.
- ARNALTE, E. & C. ZAMORA (2009): “Desarrollo rural en la Península Ibérica: algunos modelos en el mediterráneo español”. J. Baptista & Mendes. *Os territórios de baixa densidade em tempos de Mudança*. Câmara Municipal de Proença a Nova, Centro de Ciência Viva da Floresta: 9-20.
- AZEVEDO, N. (2010): *Tempos de mudança nos territórios de baixa densidade: as dinâmicas em Trás-os-Montes e Alto Douro*. Departamento de Geografia da FLUP. Porto, FLUP. Tese de Doutoramento: 389.
- BAPTISTA, F. O. (2006): “O rural depois da agricultura”. M. L. Fonseca. *Desenvolvimento e território. Espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares de turismo e lazer*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos: 85-105.
- BAPTISTA, F. O. (2009): “A transição rural e o debate sobre as opções de desenvolvimento”. *VII Colóquio Ibérico Estudos Rurais, Sessão Plenária I*, Coimbra.
- CAVACO, C. (2005): “Novas formas de «habitar» os espaços rurais”. *Geografia de Portugal, Actividades Económicas e Espaço Geográfico*. C. Medeiros, Círculo de Leitores. 3: 78-91.
- CAVACO, C. (2009): “Os espaços rurais como espaços de vida: mobilidades residenciais e novas formas de habitar”. J. Baptista & Mendes. *Os territórios de baixa densidade em tempos de Mudança*. Câmara Municipal de Proença a Nova, Centro de Ciência Viva da Floresta: 39-72.
- COVAS, A. (2007): *Temas e Problemas do Mundo Rural – Ruralidades I*; Universidade do Algarve
- COVAS, A. (2008): *Ruralidades III. Temas e problemas da ruralidade pós-agrícola e pós-convencional*, Universidade do Algarve.
- FERRÃO, J. (2003): “Dinâmicas Territoriais e Trajectórias de Desenvolvimento: Portugal 1991-2001.” *Revista de Estudos Demográficos - INE* 34: 17-25.
- FIGUEIREDO, E. (2003): *Um rural para viver, outro para visitar – o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais*. Ciências Aplicadas ao Ambiente. Aveiro, Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento.
- FIGUEIREDO, E.; P. FERRÃO (2008): “O conhecimento não cresce nas árvores: Os desafios da sociedade do conhecimento e o mundo rural em Portugal”. *Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER)*. Faro, Universidade do Algarve / SPER.
- JACINTO, R. (2009): “Património, memória, identidade: os territórios de baixa densidade e os tempos de mudança”. J. Baptista & Mendes. *Os territórios de baixa densidade em tempos de Mudança*. Câmara Municipal de Proença a Nova, Centro de Ciência Viva da Floresta: 167-170.
- MARQUES, H. (2008): “Porquê (e razões para) a mitificação do campo”. *VII Colóquio Ibérico Estudos Rurais: Cultura, Inovação e Território*, Coimbra.
- MARQUES, H., SILVA, A. (2009): “Desenvolvimento Rural: Novos Desafios e novas Oportunidades”. *VII Congresso da Geografia Portuguesa*
- MARQUES, T. S. (2004): *Portugal na transição do século: retratos e dinâmicas territoriais*. Porto, Edições Afrontamento.
- OCDE (2002). *Des politiques de développement basées sur les aménités rurales: Guide pour l'action publique*. Paris, OCDE.
- SILVA, A. (2010): “Currículo formal português e a educação ambiental: O papel da escola enquanto agente de desenvolvimento rural sustentável.” *VI Congresso APDEA, IV Conservação Da Natureza*.